



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A VERDADE DO SER: NIETZSCHE, KUBRICK E O  
QUESTIONAMENTO DO REAL**

Piero Sbragia\*

Deixar de ver muitas coisas, não possuir imparcialidade alguma, ser sempre de um partido, estimar todos os valores com uma ótica severa e infalível – essas são as condições necessárias à existência desse tipo de homem. Mas isso faz deles antagonistas do homem veraz, da verdade... (2002b, pos.715).

**Friedrich Nietzsche**

A aurora do homem. Primeiro o silêncio. A luz do sol começa a se impor ao nascer do dia. Os sons tardam a surgir. É o vento. Crescente. Cortante. Os animais surgem por último. Aparentemente em harmonia, uma espécie aceitando a outra em um convívio pacífico. Não há fronteiras, muros ou segregação. Todos são um. Surge o problema. O

---

\* Piero Sbragia é pesquisador em Educação, Cinema e Criatividade. Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, possui graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela mesma universidade e especialização (MBA) em Cinema Documentário pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP). Dirige a produtora Segundas Estórias Filmes (São Paulo). Tem experiência de dez anos como repórter e apresentador nos canais de televisão com maior audiência do Brasil, Rede Globo e Rede Record. Já coordenou documentários em projetos independentes, foi articulista de jornais impressos e faz crítica de cinema. Atualmente é professor titular na Universidade de Santo Amaro (UNISA) nos cursos de Jornalismo, Rádio e TV e Publicidade e Propaganda. Escreveu e dirigiu o documentário "Descobrir: Os Criadores de Saci", selecionado para a 13ª Mostra de Cinema de Infantil de Florianópolis e para o Festival de Cinema Infante Juvenil de Porto Alegre.

alimento não é dividido. A cadeia dominante passa a ficar evidente. Os mais fortes dominam os mais fracos.

A montagem da sequência inicial de *2001: Uma Odisséia no Espaço*, de Stanley Kubrick, sugere um conjunto de valores e significados essenciais para entender a evolução das espécies. A delimitação de diferentes grupos de animais e a consequente busca por comida e território é uma alegoria às mazelas do comportamento agressivo humano na pós-modernidade. A fronteira é atravessada quando surge o novo, o diferente. A primeira ruptura na história é simbolizada pela chegada do monolito. Uma estrutura maciça, aparentemente. Da escuridão surge um objeto, estranho e desconhecido aos animais. Há uma evidente divisão da luz. O sol que ilumina a vida passa a ser repartido.

A palavra monolito tem origem no latim *monolithus*, que por sua vez é uma derivação do grego *monólithos*. Em português pode-se assumir que uma tradução aceitável seria *pedra única*. Em *2001*, o monolito é a chave para compreender a mudança de comportamento dos animais. O novo permite a descoberta de ferramentas, armas. Começa a destruição. É o primeiro passo para o domínio técnico do mundo.

Interessante notar a trilha sonora musical neste momento do filme. *Also sprach Zarathustra, Op. 30* é uma peça composta em 1896 pelo compositor e maestro alemão Richard Strauss. O poema sinfônico é inspirado no tratado filosófico de Friedrich Nietzsche *Assim falou Zarathustra*. No filme, utiliza-se a primeira das nove seções da peça. A *introdução* é conhecida também como *Nascer do sol*. As notas musicais são executadas seguindo uma evolução tecnológica dos instrumentos. Parte da família das madeiras (flauta e oboé) e dos metais (trombones e tubas), passa pela percussão e termina nas cordas e teclados.

O tema do amanhecer é sustentado por um *dó* grave, sucedido por uma fanfarra de metais. São apenas três notas musicais em intervalos bem diferenciados, de quinta a oitava.

No livro, *Zarathustra* é o nome de um filósofo que se inspira no Zoroastrismo, uma religião monoteísta precursora na antiga Pérsia, que possui como alicerce a crença no paraíso, na ressurreição, no juízo final e na vinda de um messias. Para o filósofo criado por Nietzsche o homem, como ser humano, é uma transição entre macacos e o *übermensch*, o super-homem ou além-homem. Para atingir esse estado, o homem precisa se fundamentar em três pontos essenciais. Primeiro: transvalorar ou subverter os próprios

valores do indivíduo. Segundo: superar o niilismo, reavaliando ideais ou criar novos. Terceiro: estar em um processo contínuo de superação.

O sol no horizonte de Kubrick é a imagem da vitória da civilização. Após o monólito, os animais passam a devorar a própria carne. O indivíduo perde a identidade. Macaco mata macaco.

“E muitas vezes tenho sentido desejos de as trespassar com fulgurantes fios de ouro e rufar como trovão na sua pança de caldeira: rufar de cólera, visto que me roubam a mim a tua afirmação – céu puro! Céu sereno! Abismo de luz! - e roubam-te a ti em mim. Que eu prefiro o ruído e o troar e as execrações do mau tempo a essa calma medida e duvidosa de gatos. (2002a, p.259).

Do osso ao aço. Em uma das maiores elipses da história do cinema, Kubrick nos transporta para outro cenário. Sai o deserto e a aurora dos homens, entra o espaço sideral e o crepúsculo das raças. A tecnologia se transforma no personagem central. É mister destacar que em 1968 quando o filme chega aos cinemas, a humanidade se dividia em dois grandes blocos ideológicos: capitalistas, pró-Estados Unidos, e socialistas, pró-União Soviética. Era o auge da Guerra Fria. A polarização do mundo se transformou em uma bélica corrida tecnológica, cuja meta de conquistar o espaço e o desconhecido pontuou a geopolítica mundial. Em tempo, em 1969, um ano depois do lançamento do filme, o homem chega à Lua.

A transição de universos é feita ao som de outra música que exerce importante papel metafórico na narrativa: *Danúbio Azul Op. 314*. A valsa de Johann Strauss II data de 1867 e, informalmente, é considerada e identificada hoje como hino da Áustria. A peça ficou pronta com seis meses de atraso e inicialmente era acompanhada por uma letra, descartada por ser considerada fraca. O tema foi criado como uma homenagem ao rio Danúbio, importante caminho para o intercâmbio de culturas na Europa central. Durante as Cruzadas na Idade Média, as tribos germânicas atacavam Roma pelo Danúbio. O rio deixava a Terra Santa desprotegida. Hoje é a principal rota de transporte comercial da União Européia, além de ser fonte de água potável para dez milhões de pessoas. O Danúbio é um símbolo da Revolução Industrial, do avanço tecnológico, da conquista, do poder. Nada mais apropriado para ser utilizado como alegoria à paz tecnológica apresentada por Kubrick na ruptura entre os macacos e as naves que valem no espaço.

Porém a primeira imagem interna de uma das estações espaciais sugere uma dualidade. A simetria na cabine de comando da nave pressupõe a dualidade. O real e o

seu duplo. O que é verdadeiro? O que é cópia, reprodução? Durante a videoconferência, três frases pontuam o niilismo de Kubrick frente à sociedade pós-moderna. “Mamãe está no shopping” ataca o consumismo. “Papai está viajando” ataca a ausência da família. “Minha filha quer telefone de presente” ataca a alienação.

Abre-se, portanto, uma janela reflexiva no roteiro. Um caminho, como escreveu Nietzsche, para conduzir de volta ao velho ideal, aos conceitos de mundo verdadeiro e de moral como essência do mundo. (NIETZSCHE, 2002b, pos.84). Para o filósofo alemão estes dois conceitos podem ser considerados os erros mais viciosos que já existiram. Para Kubrick não. *2001* quer esclarecer o mistério, as linhas narrativas da vida que não estão funcionando.

Na cultura árabe, “1000” representa o incontável e “1001” o infinito. Kubrick situa seu filme além da derrocada da civilização. O homem perdeu substância e ganhou o vazio. Tudo aquilo essencialmente humano é isolado pelas máquinas. A tecnologia substitui o intelecto do homem. Michel Ciment, membro da Ordem das Artes e Letras do Ministério da Cultura da França e presidente da Federação Internacional de Críticos de Cinema, sugere então: se é possível mecanizar o homem, não haveria então mais homem? (CIMENT, 2013, p. 91).

No futuro imaginado no roteiro de Stanley Kubrick, em parceria com Arthur C. Clark, as máquinas dominam o mundo. A justificativa é simples: o potencial delas é infinitamente superior ao dos homens. Seria então o homem futurista de Kubrick o *super-homem* idealizado por Nietzsche?

Há um conceito na filosofia chamado “devir”, do latim *devere* (chegar). *2001* representa uma categoria especial de acontecimentos. É o devir da civilização, um tornar-se que é percebido pelos sentidos. Não existem perfeição e eternidade. Tudo é um ciclo. O monólito, como verdade suprema, transforma o macaco em um ser maior do que era e ao mesmo tempo se torna também menor do que é agora. A evolução pressupõe uma regressão. Uma simultaneidade que furta-se ao presente. Como pontua Gilles Deleuze, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro.

O monólito representa a dualidade, a mesma encontrada na cabine da nave espacial já no espaço: inteligível e sensível. Idéia e matéria. O paradoxo é justamente a

identidade do homem, infinita. Dos dois sentidos ao mesmo tempo, futuro e passado convergindo (DELEUZE, 2000, p. 2).

Pode-se, portanto, considerar que o homem espacial de Kubrick não é o terceiro e último estágio da evolução humana postulado pelo Zarathustra de Nietzsche. *2001* não é um filme para ser compreendido, apesar de ser necessária uma análise profunda, como a que este artigo se dispõe a fazer, e debates acerca das idéias lançadas. O próprio diretor costumava dizer que o filme encontra-se em um nível que o humano não pode situar. A sensibilidade do olhar, no entanto, não é incompreensível. Estaríamos diante de duas civilizações diferentes? O futuro é consequência do passado? Ou futuro e passado se misturam?

Contestar a identidade pessoal é consequência do infinito. A irrealidade se opõe à verdade.

“A incerteza pessoal não é uma dúvida exterior ao que se passa, mas uma estrutura objetiva do próprio acontecimento, na medida em que sempre vai nos dois sentidos ao mesmo tempo e que esquarteja o sujeito segundo esta dupla direção. (2000, p.3).

Para Deleuze, passado e futuro dividem ao infinito o presente, que é o único tempo que existe de fato, absorvendo o antes e o depois. Significados não fundamentam a verdade. A relação entre o sentido e o não-senso cria, intrinsecamente, um modelo de presença mútua em que a palavra e a imagem representam o próprio sentido. Quando diz que “não tem liberdade para falar sobre isso”, um dos personagens de *2001* deixa claro que a vida no futuro idealizado por Kubrick não tem sentido.

Se o progresso evolutivo dos macacos se fundamentou na satisfação dos instintos, na sociedade futurista os mesmos estão adormecidos e reprimidos. A realidade foi relegada a uma aparência. Um mundo absolutamente falso, o da essência, foi transformado na realidade (NIETZSCHE, 2002b, pos. 86).

Nietzsche sinaliza um problema: tudo que não pertence à vida representa uma ameaça a ela. Eis que surge em *2001* o Computador Algorítmico Heuristicamente Programado, conhecido como HAL 9000. No filme, HAL é um supercomputador, com um sistema de inteligência artificial, responsável pelo funcionamento da nave espacial Discovery. Hal é capaz de falar, reconhece rosto e voz, faz leitura labial, aprecia obras de arte, interpreta emoções, raciocina, possui sentimentos e até joga xadrez.

O discurso e a oratória do homem cedem espaço à automação. Tudo é prático, rápido, conveniente. O homem não pensa. A máquina sim. O monolito surge pela segunda vez no filme. É o segundo ponto de virada. A rocha magnética tem um campo de força muito intenso. Ele, mais uma vez, divide a luz. Dessa vez na superfície lunar, emite um ruído estridente, incômodo. Volta o silêncio depois.

A cena seguinte é simbólica. Um homem corre, aparentemente se exercitando. Um jogging. Chama a atenção o fato dele estar correndo em círculos dentro da própria nave espacial. Estaria em dúvida? Perdido? O monolito trouxe incertezas ao homem do futuro.

Depois da descoberta, o homem hiberna. “É como se estivesse dormindo”, diz um dos tripulantes da nave. “A única diferença é que você não sonha e não tem a noção do tempo”. O tempo do futuro para Kubrick, imaginado em 1968, é parecido com o nosso presente hoje, em 2014. Fornos de micro-ondas substituem o fogão. Tablets substituem o computador. Praticidade e comodidade. Dentro da nave o homem é apenas uma formiga, deixando um rastro por onde passa. Come e dorme apenas. O cérebro e o sistema nervoso da nave é HAL 9000, o supercomputador. “Que me importam as contradições da tradição?”, interpelava Nietzsche em seu “Anticristo”.

HAL foi programado para facilitar a interação entre homem e máquina. Se ele tem sentimentos reais ou não, ninguém sabe. O ódio contra a realidade produz como consequência uma extrema suscetibilidade à dor e irritação (NIETZSCHE, 2002b, pos. 346). Cada sensação manifesta-se de forma muito mais profunda na pós-modernidade. A enxaqueca é o câncer do Século XXI.

COMPUTER MALFUNCTION (Mal funcionamento do computador) pisca na tela. Letras brancas, fundo vermelho. Dor. O sistema falha. O cérebro não pensa mais. A vida como experiência se opõe à palavra. O monolito de quatro milhões de anos permanece inerte na superfície da Lua. É a primeira evidência de vida inteligente fora da Terra.

Qual a origem dele? Qual o objetivo do monolito entre nós? O homem age de acordo com os instintos. Não acredita mais, não tem fé. Unidos, os cientistas formulam um plano para desconectar HAL e dessa forma evitar que novas falhas ocorram. HAL surge então como um insurrecto contra a ordem estabelecida, o *status quo*. A revolta da máquina contra o homem. É o que Nietzsche alerta sobre o fato do centro de gravidade

da vida ser colocado não nela mesma, mas no “além”, no nada, no vazio. Retira-se da vida, dessa forma, o seu próprio centro de gravidade (NIETZSCHE, 2002b, pos. 511).

O homem do futuro em *2001* não pensa. Ele é ocioso, porém não é feliz. Todo pensamento é um mau pensamento. O filho recebe os parabéns dos pais pelo computador. Não há toque, carinho. Não há sensações. Os problemas não permitem que o homem pense. Tudo é corrido, rápido, líquido.

Um espectro de cores e uma música pungente, *Requiem para Soprano, Mezzo Soprano, Dois Corais Mistos & Orquestra*, do compositor húngaro György Ligeti, composta em alusão à ira de Deus e ao dia do Julgamento Final. Um lamento musical, um oratório, uma prece. Kubrick inicia o terceiro e último ato do filme com um intertítulo provocativo: Além do infinito. O objetivo agora é buscar respostas. Não para todos os questionamentos feitos, mas para a razão pela qual o homem ainda se pergunta a que veio neste mundo.

A revelação do monolito pela terceira vez intriga. Ele está dentro de um quarto. Um novo ambiente. Não é o espaço, tampouco a nave. Muito menos o cerrado dos macacos. Teria ele uma origem humana? Podemos dizer que não. Kubrick tem um cuidado especial em não transformar a sua odisséia no espaço em mais um tratado antropocêntrico, colocando o homem como centro do espaço que ainda não foi conquistado e descoberto.

O além é a vontade de negar toda a realidade. É a antítese da verdade. Nos três momentos do filme em que o monolito aparece, o homem e os animais estão passivos diante dele. Manipulação? Magia? Estamos à beira do desconhecido. O homem, na mesma sequência, envelhece três vezes. Surge um novo homem. Um feto. Gigante. Que sai do quarto e começa a vagar pelo espaço. Estaria ele procurando a Terra? É o passado e o futuro convergindo novamente.

Encontra-se em *2001* de Kubrick a mesma progressão presente em *Assim falou Zarathustra* de Nietzsche. Do macaco ao homem. Do homem ao super-homem. O feto envolto em um globo é o super-homem. Estaríamos diante de uma nova aurora do homem? Ciment aposta na expressão do eterno retorno (CIMENT, 2013, p. 95).

Apenas uma pessoa no filme, o cientista David Bowman, parte para a busca pela plenitude metafísica. Diferentemente dos outros personagens do filme, nós não sabemos nada sobre ele, quais são seus gostos, quem é sua família. Não podemos responder a

pergunta “de onde veio”, mas conseguimos observar “para onde vai”. O conflito de Bowman o leva para uma transformação. Bowman é o elo entre o homem e o super-homem. Depois de enfrentar a máquina (HAL 9000) e partir rumo ao desconhecido, o cientista encontra o seu duplo. Ele e ele mesmo, não como um reflexo, mas sim como uma nova representação.

A morte é um novo começo. *2001* é um filme que explora o espaço e o mundo exterior porém se torna, no âmag, um filme sobre a descoberta de si mesmo. A nave *Discovery* (descoberta, em inglês) seria um labirinto da própria consciência humana. De um lado temos a máquina que se torna humana, de outro, o homem que se torna alienado, hiberna. A falha no sistema instaura a pergunta: o que é verdade e o que é mentira?

Contrapor “verdade” e “mentira” expõe a desordem, o caos. O filósofo francês Jacques Derrida explica a diferença entre o homem e super-homem, recorrendo e investindo na importância do conceito de Nietzsche para a sociedade contemporânea e pós-moderna. O homem é abandonado ao infortúnio, um artífice da piedade. O super-homem é um ser que acorda e parte, sem se voltar para o que deixa atrás de si (DERRIDA, 1991, p.177). Entender a questão da verdade do ser pode ser considerado o último anseio do homem em busca do estágio superior.

O homem é vigiado pela máquina. Como mostrado de forma visionária em *2001*, hoje a sociedade vive cercada por câmeras, nuvens, dispositivos eletrônicos que nos conectam ao mundo e nos desconectam da realidade. Somos prisioneiros vigiados pelo olhar do outro. Quando virá a libertação?

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2001: UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO. *2001: A Space Odyssey*. Direção e produção: Stanley Kubrick. Estados Unidos/Reino Unido. Ficção, 142 min., Blu-Ray, sonoro, 1968.

CIMENT, Michel. *Conversas com Kubrick*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papyrus, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falava Zarathustra*. São Paulo: eBooks Brasil, 2002.



*O Anticristo*. São Paulo: Ciberfil, 2002.

